

Integridade e Integração: Amando a Deus com Coração, Mente, Alma e Força

Discurso no Gordon College, Massachusetts - 28-Abril-2003
por Dr. N. T. Wright, Westminster Abbey

Senhor Presidente, distintos convidados, senhoras e senhores; permitam-me primeiro dizer que é um privilégio ser bem-vindo entre vocês desta forma e receber tal honra. Tenho me alegrado muito em minhas visitas esporádicas a esta universidade, e à sua universidade irmã na estrada, e sempre a tenho tido, e a vocês, em afeição e respeito. E vocês acrescentaram à sua bondade ao receberem à minha esposa e a mim com maravilhosa hospitalidade e amizade neste fim de semana, e ambos estamos muito agradecidos.

Eu quero falar esta manhã sobre o desafio e a tarefa que eu vejo estar sobre a igreja no mundo ocidental, não menos por aqueles que recebem sua educação em universidades como esta. Aqueles que saem deste lugar e de instituições similares têm a chance e, acredito eu, a vocação para unir aquilo que minha geração toda, muitas vezes, manteve separado, e, ao fazer isto, oferecer ao mundo uma visão integrada de Deus e do evangelho.

Isto me traz muitas lembranças pessoais. Quando penso sobre meus anos de estudante, meus anos de trabalho de graduação, e meu tempo de ensino em universidades, eu me lembro de ser questionado inúmeras vezes: como você pode com integridade ser um cristão e um erudito da Bíblia? Como você pode unir e manter unidas a vida de fé e a vida da mente? Eu me lembro de alguém tentando me aconselhar, quando comecei o seminário, a manter duas Bíblias diferentes, uma para leitura devocional e outra para estudo acadêmico, para que a primeira não fosse corrompida por ecos da última. Instintivamente rejeitei o conselho e passei a minha vida adulta inteira tentando fazer o oposto: deixar que a vida de oração, preenchida e fortificada pela escritura em cada ponto, desse forma a meu trabalho acadêmico, e vice-versa. Este é o tipo de integração sobre o qual eu gostaria de falar.

Mas não apenas sobre o conflito aparente entre fé e estudo. Eu me lembro, de novo dos dias da graduação, de assumir que se eu fosse um evangélico eu não deveria realmente me interessar pelo mundo das artes, pelo mundo da cultura, pelo mundo da pintura e da música clássica. Alguns dos meus amigos cristãos eram desconfiados daqueles mundos; muitos naqueles mundos rotineiramente desprezavam o Cristianismo. De fato, uma vez conheci um estudante de artes, um pintor de grande talento, que se tornou cristão e foi ensinado por seus professores que ele simplesmente não poderia ser um artista e um cristão; ele teria de escolher. Ele, graças a Deus, encontrou um caminho de integração, e, novamente, é sobre este tipo de coisa que eu gostaria de falar.

Coisas similares poderiam ser ditas, em particular, sobre a integração da fé e da vida pública. Eu conheço políticos cristãos que lutam com esta questão todos os dias, mas permanecem convictos que Deus os chamou para entrarem nesta luta e

trabalharem por uma nova integração; e este é, talvez, o chamado mais difícil de todos os que mencionei até o momento.

A busca, em todos os casos, é por integridade: por aquele senso de inteireza da pessoa, da vida que é vivida diante de Deus sem a fácil compartimentalização na qual caímos por não termos as ferramentas, ou talvez o tempo, para trabalhar em como todas essas coisas pertencem umas às outras. E meu argumento para vocês esta manhã é que não apenas fomos chamados para integrar estes vários aspectos do projeto humano - a vida da fé, a vida da mente, a vida da cultura, a vida pública e política - mas que fazer isto provará ser o caminho adiante que tanto precisamos, o caminho além das antíteses estéreis que nossa cultura nos oferece, as antíteses tanto dentro do modernismo em si quanto as antíteses entre modernismo e pós-modernidade.

E eu ofereço a vocês esta manhã, como um modelo para esta integração, o mandamento do próprio Jesus, que ele viu como o cumprimento da lei bíblica inteira: que nós deveríamos amar a Deus com o coração, mente, alma e força, e nosso próximo como a nós mesmos. Há muitas maneiras de apresentar estes quatro elementos que Jesus menciona, que, interessantemente, apresenta um elemento a mais do que o mandamento deuteronomico, no qual encontramos apenas coração, alma e força [cf. LXX Josué 22:5, que traduz leb, 'coração', por dianoia, 'entendimento']; mas eu quero tomá-los esta manhã como representando os aspectos da vida humana que já mencionei, o coração como o lugar da fé, da esperança e do amor, a mente e sua busca intelectual e questionamento, a alma com todo seu potencial que se expressa nas artes, e a força que vai trabalhar na arena pública.

E para expor brevemente cada um deles, com o propósito de mostrar que a integração é não apenas possível hoje, mas urgentemente necessária, precisamos notar o contexto no qual Marcos coloca a repetição e expansão do mandamento deuteronomico por Jesus. A passagem é Marcos 12: 28-34, parte de uma longa seqüência de debates e argumentos entre Jesus e os líderes de Jerusalém e formadores de opinião após sua dramática ação no Templo. Como todas as outras discussões em Marcos 11 e 12, este não é apenas um pedaço de teologia abstrata ou ética. Ela pertence precisamente aqui, como parte de uma tentativa de explicitar o que Jesus quis dizer com sua ação no Templo. É por isso que, quando Jesus declarou serem estes dois mandamentos os maiores na Lei, um pensador escriba comenta que amar a Deus desta forma, com coração, mente, alma e força, e o próximo como a si mesmo - que isto é de fato melhor que todas as ofertas e sacrifícios. E Jesus comenta que este homem não está longe do Reino de Deus. Em outras palavras, Jesus estava declarando que agora o Templo de Jerusalém era redundante e sob o julgamento de Deus, não por ser uma coisa ruim, mas porque Ele estava cumprindo aquilo que o Templo no máximo tentava apontar enquanto abandonava o sistema que havia servido para seu propósito temporário; e que estava abrindo através de seu trabalho, e através de sua morte e ressurreição ainda futuras, um modo de vida que era o modo do verdadeiro Israel, um caminho que sempre fora oferecido a Israel e nunca percebido um caminho de comunhão com Deus e trabalho para Ele em Seu mundo, caminho para o qual a Lei e o Templo apontavam mas que, por si mesmos, nunca poderiam produzir.

É este caminho, um caminho de amor, vida e serviço integrados, para o qual nós somos chamados: e o subtexto do qual quero falar ao expor isto brevemente é que esta mesma integração, vivida pelo povo cristão na próxima geração, terá o mesmo efeito em nossa cultura ocidental atual como Jesus pretendia que isto tivesse sobre o Templo. Nossa cultura ocidental atual, herdeira do Iluminismo do século XVIII, está cheia de divisões e contradições, tão profundamente presentes que muitos cristãos assumem que são parte da estrutura da própria fé. O Iluminismo insistiu em separar Deus e o mundo por um grande abismo; e com esta separação veio não apenas a separação entre igreja e estado, embutida em nossa própria constituição, mas também as divisões, talvez mais perigosas, entre coração e cabeça, entre a fé e as artes, entre fé e política, sobre as quais já falamos. E agora, com o movimento pós-moderno poderoso permeando nossa cultura, nós temos novas integrações propostas, mas também desintegrações, quando as pessoas rejeitam o mundo estéril da modernidade mas insistem em não existirem agora grandes histórias, nem grandes metanarrativas, mas apenas diferentes histórias individuais, seja em isolamento (como tantas vezes na cultura e na fé) ou em competição (como tantas vezes na política ou no meio acadêmico). E meu argumento hoje é que não apenas somos chamados para uma integração de coração, mente, alma e força, unidos no amor e serviço do único Deus verdadeiro, mas também que esta integração, e a vida de integração cristã que tenta isto, é o caminho no qual a igreja cristã pode apontar o caminho adiante, fora da complexa situação de decaimento cultural e de guerras de cultura. Amar a Deus desta forma é melhor do que todos os sacrifícios e ofertas; isto fará todas as tentativas da modernidade e pós-modernidade redundantes, não porque não tenham nada a nos ensinar mas porque reúne o que, no máximo, elas estavam tentando fazer enquanto abandona os sistemas preparados para fazê-lo.

Assim, para a porção central desta palestra, na qual eu quero brevemente mapear as quatro áreas e comentar na tarefa de integração em cada caso. E começamos com aquela que devemos deixar no centro, aquela que vem primeiro tanto em Deuterômio quanto em Jesus: que nós deveríamos amar o único Deus com todo o nosso coração. Vez após vez, como vocês sabem, os profetas chamaram Israel para este amor central e vital, contrastando-o como meros serviços de boca ou aparência exterior. Vez após vez, no Novo Testamento, os primeiros cristãos ecoam a promessa de Jeremias 31, que Deus escreveria sua lei nos corações do seu povo, e de Ezequiel 36, que Deus tiraria nosso coração de pedra e nos daria um coração de carne. Vez após vez, nós somos lembrados que o coração humano, deixado com suas próprias características é desesperadamente mau, cheio de engano, corrupção, confusão e desintegração; vez após vez, é-nos prometido que o trabalho de Cristo e o dom do Espírito habilitará o coração para se tornar aquilo que ele deveria ser, para se tornar o verdadeiro centro humano de integração e vida integrada de adoração, amor e serviço.

Há duas coisas, em particular, sobre as quais eu quero falar sobre amar a Deus com o coração. Primeiro, os avisos bíblicos mencionados há pouco deveriam nos alertar para as paródias contemporâneas deste chamado. O movimento romântico, por um lado, e o existencialismo, por outro, nos impelem a acreditar que o que importa é simplesmente expressarmos o que verdadeiramente está dentro de nós mesmos, que deveríamos entrar em contato com nossos sentimentos mais profundos, que

deveríamos simplesmente "ser verdadeiros conosco mesmos". Isto é uma pálida paródia da integridade que o evangelho procura e oferece, e sustenta, não um vida de obediência cristã, mas o caminho do gnosticismo, onde o que importa não é a graça de Deus curando e restaurando o coração mas a descoberta daquilo que verdadeiramente estava lá o tempo todo. Este é um tema popular em muitos romances e filmes, e é muitas vezes descrito como "redenção"; mas isto é um mal-entendido. Na Bíblia, e no ensino de Jesus, amar a Deus de todo o coração nunca é uma matéria de simplesmente descobrir aquilo que está no coração e ser verdadeiro para com aquilo. É uma matéria do coração ser persuadido e vencido, desafiado, curado e transformado, pelo amor poderoso e pela graça de Deus que, com certeza, quer que descubramos todos os lugares secretos do coração, mas quer que isto seja feito para que sejam limpos e curados, para que o coração possa ser corrigido e liberto, para ser não aquilo que ele verdadeiramente já era, mas aquilo que Deus espera que ele se torne.

E se nós conseguirmos isto, nós descobriremos muito mais prontamente o caminho adiante para a integração com a mente, alma e força. Romantismo e existencialismo emprestam a si mesmos, é claro, para uma integração com certo tipo de arte, particularmente expressionismo; mas quando procuramos integração entre coração e mente, ou entre coração e força para viver na arena pública, eles são precisamente parte do problema.

A segunda coisa que quero dizer sobre o coração é rejeitar e refutar a sugestão que é feita de tempos em tempos de que aqueles que tentam explicitar o significado do evangelho, não menos do evangelho de Paulo, para a igreja e para a sociedade abandonam, ou consideram irrelevante, o chamado individual de cada homem, mulher e criança para responder à graça de Deus nas profundezas de seus corações. Há, é claro, aqueles que tentam fazer isto: alguns usaram, por exemplo, a Nova Perspectiva sobre Paulo como uma maneira de dizer que Paulo estava "realmente" interessado em reunir judeus e gentios ao invés da cura do coração humano, e aqueles que usaram a Recente Perspectiva sobre Paulo como uma maneira de dizer que Paulo era na verdade um político e, desta forma, não um teólogo ou um pastor. Esta nunca foi minha visão, e eu tenho tentado aprender de ambas as perspectivas sem segui-las no estéril "ou isto ou aquilo" do Iluminismo que ambas incorporam. Da mesma forma, há alguns que, seguindo a apropriação baixa-igreja do romantismo, imaginaram que todas as ações externas, por exemplo na liturgia, devem ser irrelevantes ou até mesmo perigosas para a verdadeira espiritualidade. Isto surge e sustenta uma visão de mundo já desintegrada, e trazer isto à tona, embora sem dúvida impopular, não é de forma alguma diminuir o lugar do coração, mas ao contrário insistir que corações humanos saudáveis pertencem ao interior de corpos humanos ativos. O coração, e sua redenção e renovação, permanece central para um soteriologia e espiritualidade bíblicas. Amar a Deus com o coração é a verdadeira resposta ao amor imerecido e ilimitado de Deus, do próprio coração de Deus; esta resposta é por si mesma, como Paulo insiste, o resultado do Espírito derramado em nosso coração. Quando entendermos isto mais completamente nós veremos o caminho para uma verdadeira integração.

Então, em segundo lugar, para a mente, para o treinamento para o qual uma universidade como esta é especialmente chamada. Muito tem sido escrito na última

geração sobre o problema de uma mente cristã e o desafio de desenvolver uma visão cristã de mundo que englobe todas as diferentes disciplinas. Meu palpite é que vocês estão bem familiarizados com isto, e pressuponho isto aqui. O que eu estou mais interessado em fazer é em integrar com a vida do coração, alma e força.

Novamente, é freqüentemente uma questão de rejeição das falsas distinções do tipo "ou isto, ou aquilo" que tão freqüentemente têm seduzido nossa cultura. Nós vivemos por um tanto tempo sob a implícita dicotomia da razão e da fé que muitos cristãos vivem suas vidas inteiras assumindo que as duas nunca podem se encontrar e que qualquer tentativa de fazê-lo é perigosa e desnecessária. Em nossa cultura, isto tem se realizado não menos na divisão, que até recentemente era desconhecida no Reino Unido entre faculdades de estudos religiosos de um lado e Divinity Schools do outro. Eu sei que a tentativa de mantê-las unidas, que é feita aqui e ali, é muito difícil e produz enorme esforço e tensão e pode ser que o único caminho adiante seja conviver com o problema por um tempo. Mas a analogia com outras disciplinas sugere para mim que temos alguma coisa perigosamente errada aqui. Se você quisesse estudar teoria da música, ou mesmo história da música, você preferiria ser ensinado por um músico praticante, mesmo um de quem você não apreciava as interpretações, ou por alguém que fosse surdo aos tons musicais? Se você quisesse estudar física nuclear, você consideraria como um problema ou desvantagem se seu professor estivesse ativamente envolvido em agências de conselho governamental grandes companhias em matérias relacionadas a seu campo? Por que deveríamos imaginar que em matérias de fé e aprendizado a neutralidade é a opção preferida?

A resposta, é claro, é que tão freqüentemente, não menos dentro de círculos conservadores, o que se passa por erudição algumas vezes se parece suspeitamente com a tentativa de fornecer razões para posições já alcançadas em outras bases. Me apresso em dizer que isto de fato não significa apenas apologistas conservadores que fazem isto; uma boa parte da erudição bíblica recente me parece suspeitamenten como pessoas tentando encontrar argumentos formais para apoiar seu próprio agnosticismo ou ateísmo. Mas há um ponto mais profundo em mira, ou talvez dois pontos mais profundos relacionados.

Primeiro, é parte de uma teologia saudável da vida cristã que nós rejeitamos o triunfalismo, particularmente a idéia de que qualquer ramo, tradição ou segmento da igreja cristã tenha conseguido toda a verdade que alguém precise. Isto poderia parecer simplesmente um impulso protestante, mas é encontrado da mesma forma na maioria dos melhores teólogos católicos e ortodoxos. E isto requer que nós todos herdemos nossas tradições como críticos internos; como vivendo fielmente e lealmente dentro de nossas tradições cristãs, e ainda assim sabendo que nós mesmos fomos chamados, precisamente como parte desta lealdade fiel, para estarmos constantemente alerta para caminhos nos quais a tradição distorceu a escritura ou o evangelho, ou tenha perdido alguma coisa que seja vital para sua vida saudável contínua. Freqüentemente, este papel de ser crítico interno é reduzido simplesmente ao emotivismo: eu não gosto disto, vocês não estão confortáveis com aquilo. Mas isto não nos leva a lugar algum. O que é necessário, vez após vez, é pensamento: discussão e *insight* cuidadosos, sábios e razoáveis que criticarão o que está errado e trabalhar o caminho adiante

apropriado. O que é requerido, em resumo, é que as pessoas amem a Deus com suas mentes, assim como com seus corações, e trazer aquele amor para marcar a vida do povo de Deus. Esta, na verdade, foi uma das principais idéias do Iluminismo: que a Razão devia ser usada, não como uma arma contra a fé, mas como uma arma contra o tradicionalismo não pensante e batalhas não pensantes dentro de tradições. Racionalmente expor as coisas é uma maneira de mover sem manipular: é parte do amor ao próximo como a si mesmo, ao invés de ou forçar o próximo a concordar por pressão física ou emocional ou desistir e permanecer contente com um segundo melhor por medo de uma explosão.

A segunda coisa que quero dizer sobre amar a Deus com a mente, sobre o lugar da tarefa acadêmica dentro do discipulado cristão, é que o desafio histórico estabelecido pelo Iluminismo para a fé cristã foi e permanece apropriado. Há aqueles hoje que declaram que mesmo o engajar na pesquisa histórica sobre Jesus, a ressurreição, e sobre as origens cristãs é dançar com o diabo, render-se ao ceticismo do Iluminismo. Agora, é claro que há métodos e compromissos que são muitas vezes chamados de "históricos, incluindo por exemplo uma visão fechada e contínua do mundo, que são por sua própria natureza inimigas do evangelho. Mas no coração do evangelho permanece a afirmação de que alguma coisa realmente aconteceu, não apenas nos corações dos discípulos mas na história; e no coração da visão ortodoxa de Jesus está a crença de que ele não é apenas completamente divino mas também completamente humano. O risco que Deus assumiu ao tornar-se carne e enfrentar o desentendimento, vergonha e morte continua hoje, acredito eu, no risco que nós devemos assumir, e não evitar, de dar uma explicação de quem Jesus era, e como o Cristianismo começou, que isto se mostrará como boa história mesmo que, como o próprio Jesus, permaneça contestada, ridicularizada e desprezada por alguns.

Há muito mais que eu poderia dizer mas o tempo urge. Amar a Deus com a mente é uma tarefa necessária para cristãos e para a igreja toda, e deve ser integrada em cada ponto com amara a Deus com o coração. Aqueles chamados para o trabalho acadêmico como cristãos podem se encontrar ecoando as palavras de Eric Liddell em Carruagens de Fogo, quando sua irmã tenta persuadi-lo a abandonar sua atividade de corredor e se tornar um missionário: "Deus me fez", ele disse, "e ele me fez rápido: e quando eu corro eu sinto Seu prazer". Se você foi chamado para trabalhar na academia como um cristão, seja em teologia ou biologia ou computação ou matemática, use os dons que Deus lhe deu e permita que Seu prazer delicie e sustente a vida da sua mente assim como a do seu coração. E lembre-se que todo o nosso amor a Deus com a mente é, afinal de contas, simplesmente a resposta à Sabedoria de Deus que está derramada na criação e encarnada em Jesus.

Isto me traz, mais brevemente, para o terceiro aspecto de nossa humanidade que é chamado para ser instrumento do amor de Deus, a saber, a alma. Eu sei que é um pouco forçado considerar isto simplesmente como se referindo ao mundo das artes, mas em um discurso curto eu tenho que suprimir algumas coisas, e isto é extremamente importante. Nós estamos caminhando, penso eu, da velha divisão apontada que mencionei no início, no qual era esperado que bons cristãos não podiam ser artistas e bons artistas não podiam ser cristãos. Agora nós temos, graças a Deus,

alguns pintores cristãos maravilhosos, compositores, escultores e até poetas que estão apontando o caminho adiante. Nós até temos alguns esplêndidos teóricos, como Jeremy Begbie em Cambridge e seu projeto, Teologia Através das Artes, que tem feito muito nesta área. Tudo o que eu quero fazer aqui, ao incorporar minha exortação sobre a necessidade de integrar o amor de Deus expressado na música e na arte e assim por diante com o amor de Deus no coração e na mente, é oferecer uma proposta sobre onde o esforço artístico pertence, onde a fracamente definida cultura humana pertence, dentro da disciplina do viver cristão.

É, acredito eu, parte de ser criado à imagem de Deus que nós mesmos somos criadores, ou pelo menos procriadores. A extraordinária habilidade de trazer nova vida, supremamente, é claro, através da geração de filhos, mas também através de milhões de outras maneiras, é central para o mandato da raça humana recebido em Gênesis 1 e 2. Fazer sentido e celebrar um mundo belíssimo através da produção de artefatos que são eles próprios belíssimos é parte do chamado para ser guardiães da criação, como foi a nomeação dos animais por Adão. Arte genuína é assim ela mesma uma resposta à beleza da criação, a qual é ela mesma um ponteiro para a beleza de Deus. Mas nós não vivemos no jardim do Éden, e arte que tenta fazer isto rapidamente se torna flácida e trivial. Nós vivemos em um mundo caído, e toda tentativa de ligá-lo em algum tipo de panteísmo, adorando a criação como se ela fosse por si mesma divina, sempre enfrenta o problema do mal. Neste ponto a arte, como a filosofia e a política, freqüentemente vai para o outro lado, e determinadamente responde à feiúra com mais feiúra. Nós temos uma amostra disto nas artes britânicas do momento, um tipo de brutalismo que, sob a desculpa de realismo, simplesmente expressa futilidade e chatice. Certamente há aqui uma oportunidade maravilhosa para cristãos com uma visão integrada de mundo, e com a esperança de amar a Deus com o coração, mente e alma, de encontrar o caminho adiante, talvez para liderar o caminho adiante, além do impasse estéril. Quando nós lemos Romanos 8 nós encontramos Paulo afirmando que a criação inteira está sofrendo dores de parto enquanto espera por sua redenção. A criação é boa, mas não é Deus. É bela, mas sua beleza é, agora, temporária. Está em dor, mas esta dor está presente no próprio coração de Deus e se torna parte da dor da nova criação. A beleza da criação, para a qual a arte responde e tenta expressar, imitar e acentuar, não é simplesmente beleza que ela possui em si mesma, mas a beleza que possui em vista da que está prometida para ela, como uma aliança de casamento é bela também pela promessa que simboliza e como um cálice é bonito pelo que nós sabemos que o preencherá. Se artistas cristãos puderem perceber esta verdade, há um caminho adiante para celebrar a beleza, para amar a Deus como toda a alma, sem cair no panteísmo, por um lado, ou no realismo bruto, por outro. A arte, em sua melhor forma, não apenas chama a atenção para o modo como as coisas são, mas para o modo como as coisas deveriam ser, e pela graça de Deus um dia serão, quando a terra for enchida com o conhecimento de Deus como as águas cobrem o mar. E quando artistas cristãos assumirem esta tarefa, eles contribuirão para a integração do coração, mente e alma que nós procuramos, para a qual nós somos chamados.

Finalmente, a força. Talvez a maior tarefa que nós enfrentamos hoje seja a reintegração, dentro de uma visão cristã de mundo, da fé e da vida pública. Parte da mensagem de 11 de Setembro de 2001, como muitos viram, é que quando nós

isolamos a religião da equação de nossa vida política, como a América tem feito oficialmente a Europa não oficialmente, nós alcançamos uma certa liberdade, mas a um custo terrível. A maioria das sociedades através da história, e a maior parte do mundo ainda hoje, sabem em suas entranhas que o que você acredita sobre Deus e o mundo está intimamente relacionado com a maneira como você ordena sua vida pública. E, de fato, apesar de sua separação oficial entre igreja e estado, tenho a impressão de que estas questões estão mais uma vez próximas da essência da *agenda* cultural e social da América: como podemos amar a Deus com toda a nossa força - e, é claro, vocês têm muita força com a qual precisam lidar - assim como com o coração, a mente e a alma?

Mais uma vez preciso ser breve e me limitar a poucos pontos chave que servem como dicas para um raciocínio mais completo, o qual eu espero que vocês mesmos farão. Primeiro, uma nota sobre os diferentes caminhos na questão da fé e da política nos dois lados do Atlântico. No Reino Unido, por muitos anos, aqueles que dizem trazer a fé cristã para a arena pública são aqueles da esquerda. Eles consideram como visão de Jesus ser o Reino de Deus na terra como no céu, e argumentam fortemente, algumas vezes estridentemente, para que os cristãos trabalhem para aliviar a miséria humana, ao assumir a causa do pobre, e a trabalhar pela causa da liberdade e da justiça pelo mundo inteiro. Eles são freqüentemente atacados pelo centro e pela direita, que normalmente respondem que Jesus fez uma distinção entre servir a Deus e servir a César, e tentam insistir que os clérigos não devem comentar sobre questões sociais, mas se limitarem a salvação das almas. Aqui na América, penso eu, é praticamente o oposto. Vocês tem uma estridente direita pretensamente cristã, que tem sido responsável pelas maiores reconfigurações na área da vida pública americana; e freqüentemente, aqui, são as pessoas da esquerda que dizem que os cristãos devem se limitar à religião e não tentar se intrometer em política. Eu suspeito, na verdade, de que a própria distinção direita/esquerda, que é afinal de contas outra inovação do Iluminismo, pode ser enganadora e que nós precisamos caminhar para uma análise mais madura das questões básicas assim como para uma visão cristã da realidade mais integrada, um amor a Deus mais integrado com coração, mente, alma e força.

Mas como podemos ao menos iniciar esta tarefa? Isto me leva ao meu segundo ponto: que nós no Ocidente, e particularmente vocês na América, devem considerar urgentemente a maneira como nossa vida, nosso império, tem afetado o resto do mundo. Poderíamos começar reconhecendo que a maioria dos cristãos no mundo de hoje não são ocidentais, assim como a maioria dos ocidentais não são cristãos; isto apenas já mostra a falsidade da retórica de cruzadas dos Bin Ladens deste mundo. Mas isto não basta para evidenciar o proposto; nós precisamos mostrar que nós cristãos podem pressionar nossos governos e instituições seculares para trabalharem por um mundo mais justo e igual. Já escrevi extensamente sobre a vergonha que é a dívida do terceiro mundo, que cresceu além do ridículo e é agora simplesmente obscena - e que, apesar da retórica auto-dirigida dos poderosos, não é simplesmente o resultado de ditadores corruptos e maus regimes, mas é o resultado direto dos sistemas econômico e monetário estabelecidos em 1944, auxiliados pela retórica da "liberdade" que é usada para significar que os ricos e poderosos têm o direito de negociar conforme quiserem enquanto o resto do mundo tem a liberdade de se submeter a isto

ou passar fome. Se nós quisermos amar a Deus com toda a nossa força então nós não podemos evitar o desafio de consertar isto.

Ao fazer isto, logo descobriremos que precisamos de um melhor sistema de liderança mundial integrada. A Organização das Nações Unidas foi uma grande conquista, mas precisa se tornar muito mais poderosa. Eu sei que isto parece contra-intuitivo para muitos americanos, mas a alternativa é o domínio unilateral da nação mais poderosa. E que isto não é vitória para o Cristianismo, ou para a democracia, ou para a liberdade, mas para Nietzsche com sua teologia do poder e Darwin com sua sobrevivência do mais adaptado. De acordo com Romanos 13, deve existir um bom governo que os bárbaros e os tiranos não possam vencer, para que as pessoas comuns possam viver em paz. Nós sabemos o que isto significa em um país isoladamente. Nós agora enfrentamos o desafio de fazê-lo acontecer em nossa vila global. E aqueles dentre vocês que são chamados para trabalhar nesta tarefa complexa e desafiadora devem enfrentá-la determinados a amar a Deus com toda sua força, e para integrá-la com o amor de coração, mente e alma, sabendo que estamos respondendo ao amor de Deus expressado no poder, na força, que levantou Jesus dentre os mortos, e que um dia fará novos céus e nova terra na qual a justiça habitará.

Eu apenas arranhei a superfície de vários pontos grandes e vitais, e provavelmente, os aborreci e até irritei mais do que os iluminei. Mas espero ter dito o suficiente para sustentar a tese de que existe algo como uma visão cristã integrada do mundo, e que o centro desta visão é o amor a Deus com cada aspecto de nosso ser. Concluindo, quero chamar sua atenção mais uma vez para o fato de que em cada estágio este amor é nossa resposta ao amor poderoso de Deus, e retornar à imagem com a qual nós começamos, a imagem de Jesus indicando este amor integrado de Deus como a realidade que supera todas as ofertas e sacrifícios. Muitas das visões e dos métodos que usamos na igreja e na academia, nas artes e na vida pública, pertencem ao mundo do Iluminismo ou, em dias recentes, da pós-modernidade. A tarefa que os cristãos enfrentam hoje, não menos no mundo ocidental, é liderar o caminho adiante para o outro lado da pós-modernidade, não pelo retorno à modernidade com seu secularismo estéril e divisão cultural, mas em um novo mundo, cheio de possibilidade e de promessa, mas também de perigo e de ameaça. Nós precisamos, não menos, assumir novas formas de conhecimento, para ir além da distinção entre objetivo/subjetivo que fez tanto estrago no pensamento ocidental e procurar uma epistemologia integrada precisamente no próprio amor, que busca e celebra o bem estar e diferença do outro, e busca e celebra uma relação apropriada com aquele outro precisamente ao deixá-lo ser gloriosamente ele mesmo. E nós precisamos, como o correspondente desta epistemologia, assumir novas formas de ontologia, na qual o ser do próprio Deus Criador, Pai, Filho e Espírito, se torna o centro de todo ser, dando vida e significado a todos os outros seres. Há tarefas aqui, Deus o sabe, suficientes para nos manter trabalhando por algum tempo, não menos na academia explicitamente cristã.

E o centro disto tudo, é claro, é a oração. Quando Jesus respondeu a seus interlocutores que eles deveriam amar a Deus com coração, mente, alma e força, ele estava citando e adaptando a oração judaica central, o Shema. Algumas vezes, quando

falo sobre oração, eu tenho a impressão de que para muitos cristãos isto é chato: todos sabemos que devemos orar, que deveríamos orar mais, mas nós todos acabamos por fazer de nossas maneiras tradicionais de orar mais uma obrigação do que um prazer. Bem, a boa notícia é que há mais na oração do que freqüentemente percebe o olho, incluindo olhos cristãos, e parte do mandamento de amar a Deus com coração, mente, alma e força é descobrir diferentes formas de nos abirmos em amor e gratidão, em louvor e súplica, diante do Deus que nos ama e nos chama para amá-lo. A tradição beneditina fala de trabalho como um tipo de oração, e meu testemunho como um acadêmico cristão é que de fato isto pode se tornar realidade. Muitos artistas e músicos falam de seu trabalho como um modo de oração, e certamente seu efeito sobre nós indica que algo assim deve ser verdade. Não conheço muitos políticos que falam de seu trabalho desta forma e talvez isso seja parte do problema que nós enfrentamos hoje. O que eu sei é que a vida de oração é maior, mais rica, mais exigente e mais prazerosa do que a maioria de nós jamais sonhou, e que em sua essência é apenas isto, o chamado para amar a Deus com o nosso ser inteiro, transformando-o em palavras em horas formais de oração, deixando-o descansar no silêncio da contemplação, e colocando-o para trabalhar em nossos vários chamados. E será assim ao nos dedicarmos à oração, sozinhos e em público, em ocasiões formais e informais, em breves momentos e em horas contínuas, que nós descobriremos o que Jesus quis dizer com amar a Deus com nosso ser inteiro, e iremos além dos sacrifícios e ofertas da cultura ocidental contemporânea para o novo mundo que Deus quer que nós criemos com ele e sob sua direção. Deus os abençoe, como uma universidade e como indivíduos, ao se dedicarem a esta tarefa nos dias que virão.